

Selos e Livros — A Busca de Novos Espaços

Vera Cristina Neumann *

Há alguns anos atrás colecionar selos era apenas mais um dos *hobbies* cultivados pelas pessoas “cultas”. Era quase como colecionar chaveiros, caixas de fósforos ou etiquetas de bebidas. Pouco exercício intelectual exigia, embora fosse atividade que primasse pelo capricho e sistematização.

Para MIRANDA, a filatelia é ainda hoje o primeiro colecionamento em número de aficionados, seguida de perto pela cartofilia (coleções de cartões e máximos postais).¹

O *hobby* de antes tornou-se agora o bom negócio da atualidade. Colecionar selos hoje é rentável.

“Investir em selo está se tornando uma opção altamente vantajosa no mercado financeiro. Esse pequeno papel quadrado ou retangular, e estampado com as mais diferentes figuras, tem um significado cultural e econômico de proporção excepcional, pois as estampas retratam o dia-a-dia da humanidade e a cotação é sempre ascendente nos meios filatélicos”.²

Os motivos da valorização de cada selo variam muito, podendo ir desde a *variedade*, que é o “defeito de impressão que se reproduz de maneira sistemática em uma ou mais folhas de selos”,³ até a especulação em torno de uma única peça, que se torna rara e cara através da relação demanda/oferta.

Prova dessa valorização financeira do selo pode ser expressa na tendência de muitos governos de avocarem para si o monopólio do comércio filatélico como forte fonte orçamentária.

Motivos orçamentários à parte, queremos aqui ressaltar o valor histórico e cultural do selo; valor ao nosso ver que não vem sendo admitido de maneira a que haja disseminação da filatelia como suporte da informação.

* Bibliotecária da Coleção Sérgio Buarque de Holanda — UNICAMP.

O dicionário apresenta o verbete filatelia como sendo o "estudo dos selos do correio que se usam nas diferentes nações, metódicamente colecionados".⁴

Algumas vezes, a filatelia adquire formas de instrumento ideológico se considerada a "preocupação dos governos de utilizar o selo postal como meio de propaganda nacional..."⁵

Se atentarmos para o fato de que uma coleção temática ilustra idéias conforme um plano lógico, utilizando-se dos motivos oferecidos pelos selos, estaremos conseguindo focalizar o lado intelectual de quem organiza e manipula a coleção, uma vez que a boa coleção temática exige estudos profundos das áreas de conhecimento que tenham relação com o tema escolhido, a fim de estabelecer relações que existam entre elas e o colecionador e conhecer as influências sociais, históricas e econômicas que agem sobre o tema escolhido.

A abrangência da filatelia em discutir, através das estampas dos selos, temas sociais polêmicos não é reconhecida assim como não são reconhecidos os papéis que os selos representam (ou deveriam representar) dentro do cenário, onde a rainha é a informação.

Nos manuais de biblioteconomia, nas publicações especializadas, nos eventos que congregam profissionais da área, o tema sequer é proposto. Há ainda muita desinformação entre os "habilitados da informação". A questão da filatelia só é levantada precariamente quando se discutem formas de catalogação e classificação deste tipo de material. Em linguagem catalográfica ele, selo, é tido como "material especial".⁶

A situação se repete: o bibliotecário desacostumado com este tipo de suporte, desinteressa-se até mesmo pelo colorido da estampa e a dúvida aparece: *lugar de selo é na biblioteca?*

Não só a resposta é afirmativa como a recíproca é verdadeira. *Lugar de biblioteca é no selo.*

Há encadernações riquíssimas, prédios de arquitetura arrojada, pergaminhos salvos das intempéries. Tudo isso deveria ser retratado pelos selos. Em contrapartida, quantas exposições de carimbos, de envelopes de primeiro dia, de máximos postais, de variedades não poderiam ser promovidas pelas bibliotecas?

Ocorre porém que a biblioteconomia através de seus códigos de catalogação reduz a peça filatélica a mera ficha descritiva, o que, diga-se de antemão, é de total obsolescência na recuperação de informação. Catalogar, descrevendo selo por selo, é tarefa absurda e inócua.

Se considerarmos que na área de uma página de um livro comum cabem aproximadamente 35 selos, teremos em 100 páginas por volta de 3.500 selos, que produzem 3.500 fichas catalográficas. Esta quantia não significa muito em termos de peças filatélicas, mas em termos de fichas significa força de trabalho e infra-estrutura desperdiçadas.

Como se o selo necessitasse ser medido ou ser conhecida sua casa editora. O que o selo precisa é de um bom acondicionamento, de uma boa pinça e de estudos que revelem e comprovem a aplicabilidade da peça filatélica como suporte de informação.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MIRANDA, Antonio — *O que é cartofilia*. Brasília, Thesaurus, 1985.
2. FILATELIA — selo, um bom negócio. *Planejamento e Desenvolvimento*. São Paulo, 1979.
3. BENOZATTI, Elisabel — Selos: um hobby rentável. *Balanco Financeiro*. São Paulo, 1986.
4. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda — *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
5. ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro, Delta, 1970.
6. QUEIROZ, Raimundo Galvão — *O que é filatelia*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
7. MIRANDA, Antonio & NOCETTI, Milton A. — Cartão postal e biblioteca: suporte à pesquisa. *Revista Latino-americana de Documentación*. Brasília, 2(2) 24-9, jul./dez., 1982.